



**COMO SE APRENDE FUTEBOL: EVIDÊNCIAS DA PEDAGOGIA DA RUA
NA HISTÓRIA DE VIDA DE EX-JOGADORES PROFISSIONAIS**

**HOW FOOTBALL IS LEARNED: EVIDENCE OF STREET PEDAGOGY IN
THE LIFE STORY OF FORMER PROFESSIONAL PLAYERS**

**CÓMO SE APRENDE EL FÚTBOL: EVIDENCIAS DE LA PEDAGOGÍA DE
LA CALLE EN LA HISTORIA DE VIDA DE EX JUGADORES
PROFESIONALES**

Thomas Guido Fischer


<https://orcid.org/0000-0003-4827-8768> 


<http://lattes.cnpq.br/5390935124189148> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

thomasfischer_@hotmail.com

Luis Felipe de Nogueira Silva


<https://orcid.org/0000-0003-0583-4445> 


<http://lattes.cnpq.br/0793380850491870> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

luisfelipenogu@gmail.com

Gabriel Orega Sandoval


<https://orcid.org/0000-0002-1136-477X> 


<http://lattes.cnpq.br/9986691932220266> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

gabrielorenga@hotmail.com

Débora Jaqueline Farias Fabiani


<https://orcid.org/0000-0003-4550-9428> 


Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5623816909784107> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

de_fabiani@hotmail.com

Luis Bruno de Godoy


<https://orcid.org/0000-0003-0857-9937> 


<http://lattes.cnpq.br/6501810364543985> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

godoy.luisb@gmail.com

Alcides José Scaglia

<https://orcid.org/0000-0003-1462-1783> 

<http://lattes.cnpq.br/6052868681786447> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

alcides.scaglia@gmail.com

Resumo

Como é que os jogadores de futebol profissional aprendem a jogar bem futebol? As novas tendências em Pedagogia do Esporte vêm demonstrando que a habilidade está intimamente ligada à riqueza das vivências e das



interações dos indivíduos com os ambientes os quais estão inseridos, desde a infância. Diante disso, o estudo buscou identificar na história de vida de ex-jogadores profissionais de futebol, elementos que possibilitem reflexões acerca do tema da aprendizagem no futebol. A partir da metodologia da História Oral realizaram-se entrevistas semiestruturadas com ex-jogadores de futebol profissional. A análise dos relatos foi feita a partir da Análise de Conteúdo por Redução dos Dados. Percebeu-se que os entrevistados tiveram muitas vivências em ambientes informais de aprendizagem (como a rua, os 'campinhos' e espaços quaisquer da escola, antes e depois das aulas), além de terem a bola como principal forma de brincar durante toda a infância, através de jogos-brincadeiras com familiares e amigos. O aprendizado do futebol por esses ex-jogadores está intimamente ligado à uma cultura lúdica protagonizada por jogos-brincadeiras de bola com pés, co-construída principalmente em ambientes informais de aprendizagem. A frequente e intensa relação desses ex-jogadores com a bola e suas brincadeiras, explica, ao menos em parte, o desenvolvimento de tamanha habilidade a ponto de, posteriormente, tornarem-se atletas profissionais.

Palavras-chave: Futebol; Aprendizagem; Cultura Lúdica; Pedagogia da Rua; Pedagogia do Esporte.

Abstract

How do professional soccer players learn to play soccer well? The new trends in Sport Pedagogy have been demonstrating that skill is closely linked to the richness of experiences and interactions of individuals with the environments in which they are inserted, since childhood. Therefore, the study interviewed former players, in order to find out what their experiences were like during this period and, through the reports, sought to identify elements that allow reflections on the subject of learning in football. Based on the methodology of Oral History, semi-structured interviews were carried out with former professional soccer players. The analysis of the reports was carried out using Content Analysis by Data Reduction. It was noticed that the interviewees had many experiences in informal learning environments (such as the street, the 'little fields' and any spaces in the school, before and after classes), in addition to having the ball as their main way of playing throughout childhood, through games with family and friends. The learning of football by these former players is closely linked to a ludic culture, played by ball games with feet, co-constructed mainly in informal learning environments. The frequent and intense relationship of these former players with the ball and their games explains the development of such skill to the point of later becoming professional athletes.

Keywords: Football; Learning; Ludic Culture; Street Pedagogy; Sport Pedagogy.

Resumen

¿Cómo aprenden los futbolistas profesionales a jugar bien al fútbol? Las nuevas tendencias en la Pedagogía del Deporte vienen demostrando que la habilidad está íntimamente ligada a la riqueza de experiencias e interacciones de los individuos con los ambientes en los que se insertan, desde la infancia. Por lo tanto, el estudio entrevistó a exjugadores, con el fin de conocer cómo fueron sus experiencias durante este período y, a través de los relatos, buscó identificar elementos que permitan reflexionar sobre el tema del aprendizaje en el fútbol. Con base en la metodología de la Historia Oral, se realizaron entrevistas semiestruturadas a ex futbolistas profesionales. "El análisis de los informes se realizó mediante Análisis de Contenido por Reducción de Datos. Se percibió que los entrevistados tuvieron muchas experiencias en ambientes informales de aprendizaje (como la calle, las 'canchitas' y cualquier espacio de la escuela, antes y después de las clases), además de tener la pelota como principal forma de jugando durante toda la infancia, a través de juegos con familiares y amigos. El aprendizaje del fútbol por parte de estos exjugadores está íntimamente ligado a una cultura lúdica, practicada por juegos de pelota con los pies, co-construida principalmente en ambientes informales de aprendizaje. La frecuente e intensa relación de estos exjugadores con el balón y sus juegos explica el desarrollo de dicha habilidad hasta el punto de convertirse posteriormente en deportistas profesionales.

Palabras clave: Fútbol; Aprendizaje; Cultura Lúdica; Pedagogía de la Calle; Pedagogía del Deporte.

INTRODUÇÃO

A Pedagogia da Rua é um processo de "aprendizagem-aprendizagem, [...] pautado pelo jogo e suas idiosincrasias, expressa no ato lúdico de jogar e marcada decisivamente pelo ambiente de aprendizagem colaborativa informal" (SCAGLIA, 2021, p. 13). Ao longo de muitas décadas, em diferentes regiões do país, crianças e jovens passaram parte de suas infâncias jogando/brincando livremente na rua.





Vale ressaltar, contudo, que a rua não deve ser compreendida somente em seu sentido literal, um espaço físico; e sim, como uma espécie de símbolo das características de um contexto informal, que podem emergir em diferentes espaços (GODOY et al., 2022; SCAGLIA, 2003; 2011; 2021; FREIRE, 2011; 2022).

O futebol, por sua vez, sempre esteve presente na rua, se não em sua forma institucionalizada - enquanto jogo/esporte - mas como jogo/brincadeira, adaptado e ressignificado segundo as possibilidades e desejos dos brincantes (SCAGLIA, 2003; 2011; 2021; FREIRE, 2011; 2022). Os jogos/brincadeiras de bola com os pés, como o bobinho, o gol caixote, a rebatida, o artilheiro, a pelada, etc. fazem parte da cultura lúdica nacional e são praticados por todo o país (SCAGLIA, 2011).

A cultura lúdica, diga-se, é entendida como um conjunto de brincadeiras e de formas de brincar, dinâmica e co-construída ao longo do tempo (BROUGÈRE, 2002). Segundo Brougère (2002, p. 26), "a criança adquire e constrói sua cultura lúdica brincando. É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada."

Neste sentido, os chamados ambientes informais de aprendizagem ganham importância, uma vez que se caracterizam como locais abertos à manifestação da ludicidade, por possuírem uma estrutura menos rígida e não-diretiva (SCAGLIA, 2011; 2014; MACHADO et al., 2019; FABIANI, 2016; 2021). São nesses espaços que se forma boa parte da cultura lúdica das crianças e quando se manifesta o ambiente de jogo, ocorrem aprendizados incidentais (FORD et al., 2009; ROCA et al., 2012; FABIANI, 2016; 2021; MACHADO et al., 2019).

Para além do ensino formal - escolar, de modo diretivo e sistematizado - as vivências em praças, ruas, parques e casas, bem como outros contextos informais, são capazes de propiciar às crianças o contato com os saberes existentes, de algum modo, nos próprios jogos, bem como permitem a ressignificação destes saberes, a partir das potencialidades de quem joga (SCAGLIA et al., 2021). Mediante esse contato e, ainda, com a interação frequente entre pares e a liberdade para explorar, criar e recriar, emergem diversos aprendizados (FABIANI, 2016, 2021). Tal ambiente permite a ludicidade, isto é, a possibilidade do indivíduo expressar-se livremente – ainda que não de maneira ilimitada, uma vez que seus desejos passam pelo crivo das normas do jogo – agindo de acordo com os entendimentos e sentimentos que lhe são próprios (SCAGLIA, 2003; 2011; SCAGLIA et al., 2020; GODOY et al., 2021; LEONARDO; SCAGLIA, 2022).





A cultura futebolística brasileira forjou-se assim: através dos jogos/brincadeiras de bola com os pés, praticados em ambientes informais de natureza lúdica (SCAGLIA, 2003; 2011); existem múltiplos relatos jornalísticos e na literatura popular de que os grandes jogadores brasileiros passaram parte de suas vidas jogando e brincando de bola na rua, em campos de terra, na várzea, descalços; são diferentes fontes - livros, biografias e entrevistas - que relatam essas vivências (WINTER, 2014; TOSTÃO, 2016) e a importância delas para a aprendizagem e o desenvolvimento de um estilo propriamente brasileiro de jogar (SIMAS, 2017; SOUZA-CRUZ; GOMES-DA-SILVA, 2022).

Percebendo a importância de maiores evidências da Pedagogia da Rua a partir do rigor científico, a presente pesquisa se propôs a investigar relatos da infância de ex-jogadores de futebol profissional, de modo a inventariar a cultura lúdica dos participantes e analisar as relações estabelecidas por eles com a bola, o futebol, os jogos/brincadeiras e os ambientes informais, possibilitando reflexões acerca de como se dá a aprendizagem do futebol.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracterizou-se como uma abordagem qualitativa, do tipo descritivo-exploratória, ou seja, além de descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVINOS, 1987), existiu a preocupação de investigar o problema e familiarizar-se com ele, a fim de torná-lo mais explícito (GIL, 2007). Depois da assinatura de todos do TCLE (aprovado em 08 de novembro de 2021, pelo parecer nº5.084.692, e CAAE: 49217721.20000.5404 no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), iniciou-se a coleta de dados. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (MANZINI, 2012), com 4 ex-jogadores profissionais de futebol (Tabela 1), que atuaram em nível de competição estadual, nacional ou internacional, preferencialmente (mas não exclusivamente) nascidos entre as décadas de 1970 e 1980. Vislumbrou-se, através da História Oral – aplicada, segundo Alberti (2005), quando se deseja o testemunho de acontecimentos – ouvir relatos sobre a infância dos ex-jogadores.



**Quadro 1** – Caracterização da amostra

Entrevistado	Ano de nascimento	Nível de atuação
Entrevistado 1	1997	Estadual
Entrevistado 2	1980	Internacional
Entrevistado 3	1981	Nacional
Entrevistado 4	1979	Nacional

Fonte: elaborada pelos autores

O roteiro de perguntas foi discutido pelos autores e elaborado, principalmente, com base nos elementos constituintes da cultura lúdica e no contato dos ex-jogadores com o futebol, sendo realizada uma entrevista piloto com um ex-jogador amador, nascido na década de 1960, de modo a validar a coerência do roteiro. Seis questões norteadoras foram definidas: (1) Do que você brincava? (2) Como eram as brincadeiras/quais eram as regras? (3) Quais locais você brincava/como eram esses locais? (4) Com quem você brincava? (5) Em que momento surgiu o futebol para você? (6) Como você aprendeu a jogar futebol?

As entrevistas foram realizadas e gravadas pela plataforma Google Meet, posteriormente transcritas e enviadas para cada um dos entrevistados, de modo que pudessem atestar a veracidade dos dados e confirmar o uso na pesquisa.

Para analisar os relatos foi utilizado o método da Análise de Conteúdo por Redução de Dados (LEONARDO; KRAHENBÜHL; SCAGLIA, 2023), que se caracteriza pela complementaridade entre os métodos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) e da Análise Qualitativa de Conteúdo (MAYRING, 2014), de modo a superar os limites e aproveitar as forças de cada proposta. Desse modo, seguiu-se uma sequência de quatro grandes passos: pré-análise; exploração do material; tratamento dos dados; e interpretação.

A pré-análise caracterizou-se por uma leitura flutuante, com o objetivo de adquirir noções básicas dos dados, formando uma espécie de “visão panorâmica” dos relatos. Na etapa de exploração do material, foram feitas duas reduções do texto original: a primeira composta pelos excertos considerados mais importantes - ainda de forma literal; a segunda, caracterizada por uma paráfrase do excerto, mantendo as palavras mais significativas.

A fase de tratamento foi realizada por meio de uma categorização dos trechos, numa abordagem indutiva. Cada excerto foi classificado a partir do tema central que evocava e agrupado com outros excertos de mesma natureza. Tal procedimento foi realizado pelo





primeiro autor e apresentado aos demais autores que, ao fazerem suas próprias leituras da classificação, puderam validar o processo. Disto, emergiram cinco categorias centrais – apresentadas adiante – sobre as quais procedeu-se a última fase da análise, correspondente à interpretação dos dados. A partir da literatura disponível e do marco teórico estabelecido, foram realizadas as discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados, apresentados e discutidos nos tópicos seguintes, foram classificados em cinco categorias: (i) brincadeiras que jogavam – relatos dos jogos e brincadeiras realizadas durante a infância; (ii) locais que brincavam – relatos acerca dos lugares em que realizavam os jogos/brincadeiras; (iii) com quem brincavam – relatos acerca das pessoas com quem realizavam jogos/brincadeiras; (iv) aprendizados que tiveram – relatos correspondentes a aprendizagens decorrentes dos jogos/brincadeiras; (v) influências que tiveram – relatos que demonstram a influência recebida para o gosto pelo futebol.

Jogos e Brincadeiras que Jogavam

A primeira categoria emergente refere-se aos **Jogos e Brincadeiras que jogavam**. É possível identificar, através dela, a natureza dos jogos e das formas de brincar que compunham a cultura lúdica dos ex-jogadores. Todos citam a realização de diversas atividades, entre elas: pega-pega, esconde-esconde, bolinha de gude, subida em árvore, soltar pipa e brincar no parquinho.

O maior destaque deste tema, contudo, está no protagonismo ocupado pela bola e pelos jogos/brincadeiras de bola com os pés. Os ex-jogadores expressam o gosto por brincar de bola, jogando todo dia e preferindo-a em detrimento a outras brincadeiras.

[...] com certeza o que eu mais fazia e gostava de fazer era jogar bola (E.1).

Meu Deus cara, era bola todo dia. Estudava de manhã, a tarde ali, ela (mãe) me enchia o saco pra ajudar um pouquinho, depois era a tarde toda chutando bola. (E.2)

São diversos jogos/brincadeiras de bola com os pés citados: embaixadinha, 1x1, 2x2 + goleiro, 3x3, altinha, dois sem coxa, chute a gol, driblinha, rebatida, controle, pelada. Jogos/brincadeiras como esses possuem características auto-afirmativas e, concomitantemente, apresentam características integrativas entre si e com o jogo/esporte





futebol (SCAGLIA, 2003; 2011). Portanto, é plausível assumir que a cultura lúdica dos ex-jogadores, protagonizada pela bola (já que estava presente praticamente todos os dias e a partir de diferentes jogos), explica, ao menos em parte, as habilidades que desenvolveram para jogá-la com os pés - a ponto de tornarem-se profissionais do esporte.

Essa percepção vai ao encontro do que Coté (1999) constatou ao investigar o histórico de participação esportiva de atletas de diferentes modalidades, concluindo que entre os 6 a 12 anos existe um período de “experimentação esportiva”, caracterizado pela prevalência do “jogo deliberado”, isto é, uma atividade esportiva intrinsecamente motivadora que proporciona gratificação e maximiza o prazer. (COTÉ, 1999; SOUZA et al., 2020).

Pires (2009), ao investigar a história de vida de ex-jogadores portugueses, também constatou a presença marcante da bola e dos jogos de rua na infância dos entrevistados - entre os 6 e 11 anos - muito antes de iniciarem no “futebol federado”.

Ainda acerca das brincadeiras, destacamos uma fala do Entrevistado 2, que merece atenção:

Às vezes quando ‘tava’ só eu e o Jean; de vez em quando vinha o Luizinho, outro parceiro junto pra brincar e ficava... **inventando**. (E.2) (grifo nosso).

Isso sugere que, na reunião dos amigos nesses ambientes, não havia apenas reprodução de uma brincadeira ou outra, mas invenção. A depender da situação (número de jogadores, por exemplo) poder-se-ia adaptar ou criar diferentes jogos/brincadeiras (FABIANI, 2016); como demonstram, igualmente, os trechos a seguir:

Eu lembro que quando chovia a gente ia lá para brincar de lama, porque aquilo virava uma lama só, a gente se jogava lá e ficava fazendo guerra de lama. (E.3)

Aquele golzinho, geralmente dois contra dois ou três contra três, quando não tinha para jogar um contra o outro, né? (E.4)

Quer dizer, ao brincar, exercia-se grande liberdade para ressignificação conforme as necessidades e desejos, inclusive, adaptando as regras do jogo. Isto evidencia a informalidade do ambiente e a capacidade de co-construção de jogos/brincadeiras pelas crianças, através de adaptações ou criações. (FABIANI, 2016; FREIRE, 2011; SCAGLIA, 2003, 2011).

Cabral e Neves (2007), ao investigarem a manifestação do futebol em ambientes informais e formais, tiveram achados semelhantes, observando que as crianças, quando livres, “constroem sozinhas” suas brincadeiras. Cândido (2012), pesquisador e ex-atleta profissional, investigou sua própria trajetória no esporte e relatou, semelhantemente, a vivência de diversos



jogos de bola na infância, elaborados a partir da criatividade e das possibilidades que o ambiente proporcionava.

Locais que Brincavam

A categoria que trata dos **Locais que Brincavam** evidencia a presença marcante dos ambientes informais de aprendizagem enquanto locais onde os jogos/brincadeiras ocorriam. A cultura lúdica de cada um - sobretudo em relação aos jogos/brincadeiras de bola com os pés - formou-se nos campinhos/quadras da vizinhança, na própria casa ou na rua:

Na minha avó materna e paterna, as duas tinham um espaço legal para jogar, então eu jogava ali. Me lembro que a avó paterna tinha uma pracinha perto; essas quadras de areia (E.1).

A gente tinha um terreno, do lado casa, que nós 'tinha' uma garagem à parte, uma garagem de madeira, e lá era o gol. E daí a gente ficava brincando (E.2).

Nós tínhamos um campinho perto de casa, né? Que nos chamávamos de "mengo" né? Porque a maioria dos meus amigos eram flamenguistas (E.3).

No primeiro bairro que eu morava, morava bem numa esquina, essa rua né? Era já era asfaltada, né? E nós brincávamos ali, botava as pedras na rua (E.4).

Corroborando esses resultados, um estudo realizado com 93 jogadoras profissionais do futebol brasileiro constatou que, até os 14 anos de idade, houve uma predominância de práticas realizadas predominantemente na rua (asfalto ou terra) e em quadras. Só depois dos 14 anos que a grama passou a ser a superfície mais utilizada para o jogo de bola (ROSA et al., 2009)

Cabral e Neves (2007) também encontraram improvisações nos locais de brincadeira, em que "uma simples pedra ou sandália transformaram-se em traves". Pires (2009) e Cândido (2012) apresentaram em seus resultados diferentes locais adaptados para o jogo, como estradas, estacionamentos, praças e quintais. E, por sua vez, Uehara e colaboradores (2018), ao investigarem o jogo de "pelada" brasileiro, concluíram que a sua realização se dá na ausência de estruturas formais e de equipamentos específicos ao futebol.

A informalidade destes locais - isto é, a ausência de diretividade dos adultos e a "flexibilidade" de suas estruturas - propiciava liberdade de expressão (ludicidade) e a emergência facilitada de um ambiente de jogo, possibilitando aprendizados. (FABIANI, 2016; FABIANI; SCAGLIA, 2021; SCAGLIA, 2003; 2011). Vale ressaltar que estes aprendizados, nestes casos, são de natureza incidental. Quer dizer, as crianças não jogavam para aprender, não





possuíam isso como objetivo; simplesmente jogavam porque queriam brincar, se entreter, divertir-se, passar o tempo e, claro, satisfazer desejos e necessidades internas, através do aspecto representativo do jogo - provavelmente sem consciência deste último. (SCAGLIA, 2003; FREIRE, 2011). Contudo, na medida em que jogavam/brincavam, acabavam por desenvolverem-se motora, cognitiva, social e emocionalmente; os desafios vividos no ambiente de jogo e a ludicidade propiciavam isso.

A aprendizagem nestes ambientes, portanto, não deve ser negligenciada, pois se mostra valiosa (COTÉ, 1999; SCAGLIA, 2003; 2011; 2021; CABRAL; NEVES, 2007; FONSECA; GARGANTA, 2008; FORD et al., 2009; PIRES, 2009; ARAUJO et al., 2010; FREIRE, 2011; CÂNDIDO, 2012; ROCA et al., 2012; PRUDENTE et al., 2016; UEHARA et al., 2018; FABIANI, 2021; SOUZA-CRUZ; GOMES-DA-SILVA, 2022) tanto quanto a aprendizagem decorrente de ambientes formais de ensino. Inclusive, há uma fala do Entrevistado 2 demonstrando que, mesmo na escola, nos momentos extraclasse (início e fim de aula, bem como no recreio) existiam jogos com a bola, criando um contexto informal dentro de um ambiente de natureza majoritariamente formal (FABIANI, 2016; FABIANI; SCAGLIA, 2021).

Por último, outro aspecto notável é a tendência dos ex-jogadores, quando crianças, de realizarem as brincadeiras adaptando-se aos locais disponíveis, resignificando-os.

[...] não era um tamanho como outra quadra qualquer que tinha um tamanho ideal para ser uma quadra de futebol, então eles fizeram como se fosse uma gambiarra ali. "ah, 'vamo botar' uns 'golzinho' aqui e dá pra jogar uma bola". Então eram uns 'golzinho' assim, sei lá, coisa de 1 metro de altura. 1m por 1m. E areião (E.1).

Eu lembro que foi legal porque nós que fizemos a trave, as vezes nós íamos lá e roçava, então tipo, nós dávamos um jeito para brincar, então não tínhamos tempo ruim, não dependíamos da prefeitura ou alguém para fazer né? Era aquela história 'você tem que brincar, você gosta de futebol? Então vamos fazer de tudo para fazer um campinho, essa era a ideia (E.3).

Ressalta-se, com esses excertos, a natureza da Pedagogia da Rua, isto é, o processo de aprendizagem colaborativa decorrente do ambiente de jogo e da ludicidade, permitidos pelo ambiente informal, que independe das condições do espaço físico (SCAGLIA, 2003; 2011; 2021; FREIRE, 2011; 2022).

Com quem Brincavam

A categoria **Com quem Brincavam** demonstra que as relações mais comuns se davam entre parentes (irmãos, primos), amigos e vizinhos. As idades variavam, havendo





interação tanto com crianças da mesma idade, quanto com mais novas e mais velhas. Isso corrobora com os achados de Uehara e colaboradores (2018) em relação à participação nas “peladas” não depender de idade ou nível de habilidade.

Há um destaque a se fazer, referente a uma certa preferência dos ex-jogadores participantes, enquanto crianças, a brincar com os mais velhos:

Eu não sei qual era a diferença, mas a gente sabe que os ‘piá era’ maior, os ‘cara’ era maior, e aí eu me lembro que era aquela coisa de, tipo, querer provar... os ‘cara’ olhava pra nós e “ah, os pirralhinho, não sabe nada” e aí eu me lembro que a gente sabia jogar legalzinho, né? Aí a gente ganhava e ficava “todo grandão”, assim né!? (E.1).

[...] eu gostava “toda vida” de brincar com os mais velhos [...] Eu sempre gostava de, pô, fazer força pra igualar (E.2).

[...] eu sempre brinquei com os garotos mais velhos, né? Eu sempre fui mais franzininho, bem magrinho, e a minha geração de rua, eu fui brincando com os caras mais velhos (E.4).

Os trechos demonstram que jogar/brincar com sujeitos de idade maior era comum e, de certo modo, prazeroso. Sabe-se que idades distintas apresentam diferentes níveis de habilidade e, portanto, ao participar de um jogo/brincadeira com indivíduos mais velhos, o nível de desafio para os mais novos aumenta; e conforme afirmam os entrevistados, não parece haver uma desmotivação com isso (ao menos no caso deles), pelo contrário, emerge um certo gosto pela dificuldade, a presença de um desejo de auto-superação e da superação do adversário, marcantes num ambiente de jogo (SCAGLIA, 2005).

Percebe-se, ainda, no imbricar desta categoria com as duas já apresentadas, evidências da formação de pequenas sociedades lúdicas (FREIRE, 2022). Isto é, a existência de uma gama de relações entre os brincantes, constituindo uma identidade para o grupo e estabelecendo papéis para cada membro, muitas vezes, com base na própria capacidade/habilidade para jogar. As crianças, guiadas por um interesse comum - o prosseguimento do jogo - “brincam entre elas, aprendem entre elas, definem papéis, firmam identidades, definem prioridades, desenvolvem habilidades” (FREIRE, 2022) e, isso tudo, sem necessitar das orientações de adultos (FABIANI, 2016; FREIRE, 2022).

Esta pequena sociedade emerge tanto das interações tidas em jogo - já demonstradas acima na relação entre crianças mais novas e mais velhas, na união para conceber os espaços de brincadeira, etc. - quanto dos significados que elas assumem para além do jogo:





Cara, eu lembro que eu morava em um bairro, e do lado do meu bairro era um bairro de rico, era um dos bairros mais ricos da minha cidade aqui, nós fazíamos amistoso contra eles né? Que nós brincávamos que era os pobres contra os ricos, e nós nunca perdíamos né? Porque pobre não vai perder para rico [Riso], pobre vai dar a vida; mas eu lembro que os caras tinham chuteira, que a bola dos caras era top, que eles tinham um campo lá no bairro deles, e a gente jogava, pelo menos a cada quinze dias, um domingo a tarde era amistoso, nos jogava contra eles, nos ia sem camisa eles tinha tudo camisa e tal, e a gente descia o pau nos caras né? (E.3).

[...] se juntava mesmo pessoal mais próximo dali, né, das casas, os vizinhos, e às vezes a gente saía da minha rua para brincar contra a rua de cima, ou às vezes a rua de cima vinha ali e esse criando rivalidade, e quando a gente entrava às vezes num torneio, se juntava ali as duas ruas para jogar em outro lugar (E.4).

Os relatos obtidos sugerem que os ex-jogadores entrevistados, enquanto crianças, eram, por assim dizer, membros de pequenas sociedades lúdicas; já que estabeleciam frequentes relações com diferentes brincantes, em espaços informais, sem diretividade de adultos e, ali, vivenciavam o jogo - majoritariamente a partir dos jogos/brincadeiras de bola com pés.

Aprendizados que tiveram

A categoria **Aprendizados que Tiveram** emerge de falas que expressam o desenvolvimento de habilidades por parte dos ex-jogadores, a partir dos jogos/brincadeiras de bola com os pés; os entrevistados parecem possuir, em maior ou menor grau, uma certa consciência de que ao brincar, aprenderam algo:

[...] jogando no mato mesmo, foi jogando com os amigos, e às vezes, treinava né? Brincava, "agora vou tentar fazer desse jeito", "agora vou tentar fazer daquele jeito", até porque na "reba" era legal, até porque você tinha que bater na bola para bater o pênalti, então "agora eu só quero mirar no travessão", "agora eu só quero mirar na trave", então, querendo ou não, isso te estimulava a você direcionar o seu passe, a você direcionar o teu chute, a chutar de lado interno, lado externo, com peito do pé, então era uma coisa meio de instinto. (E.3)

É plausível afirmar, com isso, que se desenvolveram habilidades para o futebol na medida em que se desenvolviam na rebatida - evidenciando as tendências auto-afirmativas e integrativas existentes na família de jogos/brincadeiras de bola com os pés (SCAGLIA, 2003; 2011).

Prudente e colaboradores (2016) ressalta, de forma semelhante, que o jogo deliberado "proporciona a repetição necessária de situações de jogo aberto que desenvolvem





[...] o sentido de jogo e [...] as habilidades de improvisação". Uehara e colaboradores (2018) também sugere a possibilidade do aprendizado do futebol a partir de brincadeiras, atribuindo tal aprendizado, entre outras coisas, ao "amor ao jogo" (motivação intrínseca para a prática) e à alta competitividade que, segundo os autores, parece ser uma característica própria da "pelada" brasileira.

Outra perspectiva importante ao tema é a possibilidade de aprendizagem oriunda da relação entre os pares - isto é, entre as crianças jogadoras - conforme demonstra o excerto a seguir, retirado do relato feito pelo Entrevistado 1:

Essa quadrinha que eu te falei da avó materna, que era um golzinho improvisado, eu me lembro de olhar sempre um 'piá' lá que era mais velho, jogava, e eu me lembro que eu ficava "caraca, esse cara joga bem". Então eu acho que sempre fui muito observador, de ficar vendo o que que os outros 'fazia' e de alguma forma tentava imitar, né!? (E.1).

Nota-se, portanto, que a partir do contato com outro jogador, torna-se possível uma aprendizagem fruto da observação; despertando em si possibilidades que não haviam sido vislumbradas até então (VYGOTSKY, 2007). Destacando-se, é claro, que a ação observada de modo algum será reproduzida de forma idêntica, e sim, ganhará contornos próprios ao aprendiz, que tende a resignificá-la conforme suas particularidades (SCAGLIA et al., 2020).

Por fim, se em certos momentos os entrevistados demonstraram perceber a existência de aprendizagens advindas do jogar/brincar, em outros, não pareceram reconhecer, de fato, o valor destas experiências (SCAGLIA, 2003).

E aí (a família) colocou em uma escolinha, mas era aquela escolinha mais recreativa, assim, de realmente colocar a criança pra jogar bola. Eu não me lembro de, realmente, ir lá aprender muita coisa. Lá eu gostava de jogar (E.1).

[...] eu creio que eu vim com esse dom né, e fui passando o gosto, e tive pessoas que passaram na minha vida, que foi me aconselhando, me aprimorando ao dom que eu já nasci [...] fui aprimorando ao longo do tempo, inclusive com as brincadeiras na rua, foi aprimorando né, porque eu acho que a rua ela te ensina muito, te ensina muito! (E.4).

O Entrevistado 1 afirma que ao participar de uma escolinha que colocava "a criança para jogar bola" não lembra de "aprender muita coisa", sugerindo uma compreensão de que, ao simplesmente jogar, existem poucos ou não existem aprendizados. É possível notar, a partir disso, a expectativa de que a escolinha e seus professores sejam interventivos e, implicitamente, a noção de que o ensino diretivo tem maior valor do que os aprendizados incidentais. As evidências encontradas ao longo dos relatos e já exaustivamente demonstradas,



sugerem, não exatamente o contrário, mas que os aprendizados gerados no contexto informal devem ser mais valorizados.

De forma semelhante, o Entrevistado 4 demonstra, ao mesmo tempo, reconhecer a importância pedagógica da rua mas atribui suas habilidades a um dom. Consideramos importante esclarecer que o dom pode ser interpretado de duas formas distintas: enquanto dom/dádiva, isto é, uma habilidade inata, dada por uma entidade divina, capaz de determinar a capacidade do “abençoado” em jogar futebol; segundo, o dom/talento, que apesar de também considerar algumas características ímpares do sujeito (talento), reconhece a influência de um bom processo formativo para o desenvolvimento de habilidades (DAMO, 2007).

No primeiro modo de interpretar, cai-se em uma contradição, pois se a explicação para a habilidade de alguns sujeitos jogarem bem futebol (a ponto de tornarem-se profissionais do esporte) pautar-se na expressão puramente inata e determinística do dom/dádiva, nenhum processo de ensino-aprendizagem faria sentido. Seria afirmar que, por exemplo, mesmo sem nenhum contato com uma bola ao longo da vida, estes “sortudos” seriam capazes de expressar seu talento e atuar profissionalmente no momento oportuno.

Por outro lado, a noção de dom/talento permite interpretá-lo enquanto uma referência às características individuais dos sujeitos (desde atributos genéticos a disposições psíquicas) que são, certamente, importantes para o seu desenvolvimento. Neste caso, aproxima-se de uma compreensão mais verossímil dos processos de ensino-aprendizagem, já que seria insensato negar a influência das características individuais no desenvolvimento de habilidades, porém, tão insensato quanto, é reduzi-lo a elas.

O que queremos destacar é a necessidade de cautela quanto a atribuição da capacidade de jogar bem futebol, simplesmente, à um dom. Esta afirmativa se torna rasa na medida em que as evidências, sobretudo as encontradas nesta pesquisa, apontam, justamente, para a influência que a cultura lúdica da criança e o contato com a bola e o futebol na tenra idade, possuem no processo de aprendizagem do esporte.

Influências que Tiveram

A última categoria formada diz respeito às **Influências que Tiveram**. Este conjunto de trechos demonstra que os ex-jogadores, desde muito cedo, tiveram contato com a bola e com o futebol; sobretudo, a partir da influência de familiares.





Eu mal comecei a andar... o meu pai, na verdade, ele jogava o amador, então, eu tinha feito um ano, um ano e pouquinho, ele já me carregava. Ele me carregava, na época, subia o morro comigo nas costas pra jogar e a minha mãe gostava também, então, dali surgiu essa paixão (E.2).

Cara, acho que desde criança, meu pai gostava muito de futebol, e desde criança sempre estimulou a questão de jogar, então eu acredito que desde criança foi me dado bola, eu tenho foto de criança, com cinco anos ganhando bola né? Então eu acredito que isso desde cedo, eu fui estimulado ao futebol, então eu não posso dizer para você assim "a chegou, essa idade eu vou começar a jogar futebol" acredito que foi desde criança né? Foi estimulando, e o ambiente onde eu estava que foi um ambiente de muita criança, naturalmente o futebol lá rolava solto, era muito comum (E.3).

É possível perceber uma dificuldade em precisar o momento exato no qual passaram a brincar de bola e se interessar pelo esporte; o futebol parece tão presente na realidade de cada um que é difícil conceber os momentos "pré-futebol"; a sensação é que ele sempre esteve ali, de alguma forma.

Foge ao escopo deste trabalho precisar os fatores de motivação e as justificativas para o engajamento destes sujeitos com a prática do futebol - tarefa na qual a Psicologia poderia contribuir; entretanto, com base no marco teórico apresentado, é plausível assumir a influência da cultura geral na cultura lúdica destes sujeitos, aproximando-os desde muito jovens às práticas de jogos/brincadeiras de bola com os pés, e por consequência, influenciando na aprendizagem do jogo/esporte futebol. (COTÉ, 1999; SCAGLIA 2003; 2011; PIRES, 2009; FREIRE, 2011; CÂNDIDO, 2012; SCAGLIA et al., 2020; GODOY et al., 2021).

CONCLUSÃO

Conclui-se, a partir do que foi observado e discutido, que os ex-jogadores profissionais de futebol entrevistados possuíam, em suas infâncias, uma cultura lúdica protagonizada pela bola e pelos jogos/brincadeiras de bola com os pés; co-construída majoritariamente em ambientes informais de aprendizagem. Os relatos reforçam e evidenciam a importância da rua e dos jogos/brincadeiras de bola com os pés na formação de futebolistas brasileiros, ainda que, em certos momentos, os próprios jogadores pareçam não dimensionar essa importância.

Ademais, a frequente e intensa relação desses ex-jogadores - desde muito jovens - com a bola e os jogos/brincadeiras, em ambientes propícios à ludicidade, pode explicar, ao





menos em parte, o desenvolvimento de tamanha habilidade para o futebol, a ponto de tornarem-se atletas profissionais.

Esta investigação debruçou-se sobre a cultura lúdica de ex-jogadores nascidos, majoritariamente, na década de 1970 e 1980. Porém, tendo em vista as mudanças que ocorreram no modo de viver contemporâneo, abre-se a possibilidade de investigar a cultura lúdica de jogadores nascidos, por exemplo, após os anos 2000, na intenção de investigar se a Pedagogia da Rua foi afetada por essas mudanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ARAÚJO, Duarte e colaboradores. The role of ecological constraints on expertise development. **Talent development & excellence**, v. 2, n. 2, p. 165-179, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

CABRAL, Gabriel de Medeiros; NEVES, Ricardo Lira Rezende. Futebol arte x futebol racional: das ruas às escolinhas de futebol. **Educación física y deportes**, v. 12, n. 111, 2007.

CÂNDIDO, Filipe Manuel Nunes. **As pegadas de um jogador de futebol**: exploração do conhecimento da prática: estudo de caso sobre a vivência de um jogador de futebol. 2012. 205f. Dissertação (Mestrado em Treino em Alto Rendimento Esportivo). Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2012.

COTÉ, Jean. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sports psychologist**, v. 13, p. 395-417, 1999.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

FABIANI, Débora Jaqueline. **O jogo no horário livre**: a educação física na educação não formal. 2016. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

FABIANI, Débora Jaqueline; SCAGLIA, Alcides José. Aprendizagens da/na cultura lúdica: possibilidades e potencialidades do jogo nos contextos informais. **Brazilian journal of policy and development**, v. 3, n. 3, p. 79-95, 2021.





FONSECA, Helder; GARGANTA, Julio; **Futebol de rua: um beco com saída: do jogo espontâneo à prática deliberada.** Lisboa, Portugal: Visão e Contextos, 2008.

FORD, Paul e colaboradores. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: The early engagement hypothesis. **High ability studies**, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2009.

FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Pedagogia do futebol.** 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

_____. **O jogo de bola na escola: introdução à pedagogia da rua.** Campinas, SP: Autores Associados, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, Luis Bruno de e colaboradores. Reflexões sobre o brincar na sociedade contemporânea. **Lúdicamente**, v. 10, n. 20, p. 1-12, 2021.

GODOY, Luis Bruno de; LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. Do macro ao micro-jogo: os vários jogos que compõem o jogo. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. "Temos que devolver o jogo ao(à) jogador(a)": as dimensões éticas e morais da pedagogia dos esportes coletivos a partir de abordagens baseadas no jogo. **Movimento**, v. 28, p. 1-21, 2022.

LEONARDO, Lucas; KRAHENBÜHL, Tatiane; SCAGLIA, Alcides José. Validação e confiabilidade metodológica na pesquisa qualitativa: aplicações a um estudo em pedagogia do esporte. **Motrivivência**, vol. 35, n. 66, p. 1-22, 2023.

MACHADO, João Cláudio e colaboradores. Enhancing learning in the context of street football: a case for nonlinear pedagogy. **Physical education and sport pedagogy**, v. 24, n. 2, p. 176-189, 2019.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Percursos**, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MAYRING, Philipp. **Qualitative content analysis: theoretical foundation, basic procedures and software solution.** Klagenfurt, Austria, 2014.

PIRES, Bruno. **A importância do futebol de rua na formação de jogadores de futebol de excelência.** 2009. 84f. Monografia (Licenciatura em Desporto e Educação Física). Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2009.

PRUDENTE, João e colaboradores. Dos jogos de rua para a iniciação desportiva: a importância do jogo deliberado. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESPORTO E CIÊNCIA, 2016. **Anais...** Vila Real, Portugal: Universidade Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2016.





ROCA, André; WILLIAMS, Andrew Mark; FORD, Paul. Developmental activities and the acquisition of superior anticipation and decision making in soccer players. **Journal of sports sciences**, v. 30, n. 15, p. 1643-1652, 2012.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

_____. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

_____. Jogo: um sistema complexo. In: FREIRE, João Batista; VENÂNCIO, Silvana (Org.). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. **O futebol e as brincadeiras de bola**: a família dos jogos de bola com os pés. São Paulo: Phorte, 2011.

_____. Pedagogia do futebol: construindo um currículo de formação para iniciação ao futebol em escolinhas. In: PICOLLO, Vilma Nista-Piccolo; TOLEDO, Eliana de. **Abordagens pedagógicas do esporte**: modalidades convencionais e não convencionais. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

SCAGLIA, Alcides José e colaboradores. Possibilidades e potencialidades técnico-táticas em diferentes tradicionais jogos/brincadeiras de bola com os pés. **Retos**, n. 39, p. 312-317, 2021.

SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia, futebol... e rua**. Goiânia, GO: Talu, 2021.

SIMAS, Luiz Antônio. **Ode a Mauro Shampoo e outras histórias da várzea**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

SOUZA-CRUZ, Rodrigo Wanderley de; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. Garrincha e o futebol: semiótica das situações de movimento do drible. **Educación física y deportes**, v. 27, n. 287, p. 28-46. 2022.

SOUZA, Iuri; VICENTINI, Lucas; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. As múltiplas facetas da participação esportiva: contribuições de Jean Côté e Colaboradores. **Quaderns de psicologia**, v. 22, n 3, p. 1-33, 2020.

TOSTÃO. **Tempos vividos, sonhados e perdidos**: um olhar sobre o futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UEHARA, Luiz e colaboradores. The role of informal, unstructured practice in developing football expertise: the case of brazilian pelada. **Journal of expertise**, v. 1, n. 3, p. 1-19, 2018.





VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINTER, Brian. **Pelé:** a importância do futebol. Santos, SP: Realejo, 2014.

Dados do primeiro autor:

Email: thomasfischer_@hotmail.com

Endereço: Rua Pedro Zaccaria, 1300, Cidade Universitária, Limeira, SP, CEP: 13484-350, Brasil.

Recebido em: 10/04/2023

Aprovado em: 31/08/2023

Como citar este artigo:

FISCHER, Thomas Guido e colaboradores. Como se aprende futebol: evidências da pedagogia da rua na história de vida de ex-jogadores profissionais. **Corpoconsciência**, v. 27, e15301, p. 1-18, 2023.

